Como Pregar Hoje?

Fr. Timothy Radcliffe não deixa de surpreender-nos com suas intuições. Publicamos desta vez como o acontecimento dramático da Última Ceia pode nos oferecer pistas significativas para a pregação, seja nas igrejas ou fora delas nos mais variados ambientes. Junto com suas sugestões, publicamos dois sermões. Um de fr. Leon Pereira da Província da Inglaterra, que se destaca pelo portal Torch, onde se publicam as homilias dominicais e das principais festas do Ano Litúrgico por todos os membros da Província. E outra do editor do Jubileu para a festa de São Francisco de Assis.

Pregar não significa em primeiro lugar dizer uma homilia depois do Evangelho na celebração eucarística, mas todas as formas como anunciamos o Evangelho em nossas paróquias e nosso trabalho, a nossos amigos e famílias. São Domingos fundou a Ordem dos Pregadores para levar a pregação do Evangelho para fora das igrejas, onde as pessoas vivem e debatem com o significado de suas vidas. Como podemos conseguir isso hoje?

Temos que admitir a existência de uma crise na pregação do Evangelho, hoje em dia. Nos livros de teologia, a proclamação de nossa fé comumente se descreve como um acontecimento com grande poder se diz de transformar. Assim como pão e vinho são transformados em Corpo e Sangue de Cristo, igualmente se supõe que a pregação transforma nossas mentes e corações. Por isso, muitos teólogos falam da "sacramentalidade da palavra". Pregar faz parte desse grande acontecimento sacramental que é a Eucaristia, mediante o qual Deus irrompe em nossas vidas e as renova.

Bela teoria certamente! O problema é que frequentemente está distante da realidade.

Nesse momento da Igreja, não é fácil para nós proclamar nossa fé de maneira que apaixone as pessoas e mude suas vidas. Quando começamos a falar de nossa fé, acontece com frequência que as pessoas se sintam incomodadas e mudem de tema ou simplesmente se aborreçam. A maioria das pregações não entusiasma, em absoluto: são muito tediosas.

Talvez nos levem a rezar..., para pedir a Deus que impeça imediatamente o pregador de continuar! É claro que a pregação entediante sempre foi um problema para a Igreja. O dicionário Webster tem, entre outras, esta definição: "pregar: dar conselhos morais ou religiosos, especialmente de maneira enfadonha". Até mesmo São Paulo esteve pregando tão tediosamente que Euti- co, vencido pelo sono, caiu da janela e morreu (Atos 20,9).

Quando percebo que preguei mal, me consolo pensando que meus sermões não mataram ninguém, ao menos até agora. São Cesário de Arles não pregava regularmente; mas, quando o fazia, era preciso que se fechassem as portas para evitar que o povo de Deus fugisse.

Enfrentar as crises

Penso, no entanto, que, hoje em dia, enfrentamos algo muito distinto dessa antiquíssima dificuldade dos pregadores entediantes. Este é um momento singular de crise sobre a forma como falamos de nossa fé. A Igreja excepcionalmente enfrentou este tipo de crise. Houve uma crise no século XIII, que levou à fundação da Ordem Dominicana. Houve outra crise deste tipo no século XVI, que resultou na fundação da Companhia de Jesus. Agora enfrentamos uma crise semelhante: é o desafio de redescobrir palavras sobre a nossa fé que tenham o poder de transformar, palavras que convertam corações e mentes, como a Euca- ristia transforma o pão e o vinho. Não vou sugerir fundar agora outra ordem religiosa para confrontar essa crise. Temos mais que suficientes! Para encontrar estas novas palavras, o que precisamos é a experiência de todo o povo de Deus: precisamos da sabedoria dos leigos, das mulheres e dos homens, dos jovens e dos velhos, de todos na Igreja.

A Última Ceia

A Última Ceia compreende três momentos, três atos poderosos; cada um pode nos ensinar algo sobre como pregar o Evangelho de forma dinâmica na atualidade:

1. Jesus se aproxima e acolhe os discípulos em seu desconcerto e confusão pessoal.
2. Jesus os une em comunidade.
3. Jesus se volta para além desse momento, para Reino de Deus.

Estes três momentos configuram o acontecimento: cada um ilumina algum aspecto da pregação do Evangelho. Se devemos ser todos pregadores seja em casa, no trabalho ou na Igreja, nossas palavras devem retomar um dinamismo igual ao da Última Ceia. Pelos livros, comumente se tem a impressão de que as paróquias são comunidade calorosas,

maravilhosas, nas quais todo mundo se sente dentro de casa, bem unidos pelo amor de Deus e, reciprocamente, anseiam por escutar a homilia. As paróquias não são no geral comunidades naturais, particularmente nas megalópoles, em que vive a maior parte das pessoas hoje em dia. Quase sempre há pessoas na entrada da igreja, como se esperassem escapar o mais rápido possível. 'Ir à missa' quase sempre vemos como ir ao supermercado: uma dessas coisas que temos que fazer o quanto antes.

E, o que é pior, as palavras da Escritura e a pregação parecem cada vez mais distantes do que estamos vivendo realmente: sucede que não parecem iluminar as tensões no interior de nossos corações; não respondem às perguntas de nossa mente. Grande parte do ensinamento da Igreja parecerá incompreensível e alheio a muitos na paróquia; não sabem bem o que se passa e nem o que significa. Na Europa há uma impressão generalizada de que a linguagem religiosa se encontra longe dos pensamentos e sentimentos da maioria das pessoas.percebo que preguei mal, me consolo pensando que meus sermões não mataram ninguém, ao menos até agora. São Cesário de Arles não pregava regularmente; mas, quando o fazia, era preciso que se fechassem as portas para evitar que o povo de Deus fugisse.

Agora bem, esta foi exatamente a experiência dos discípulos na Última Ceia: não era uma comunidade alegre, acolhedora de discípulos felizes, era uma comunidade à beira do colapso. Seus laços estavam a ponto de romper. Em algumas horas explodiria, e mais, os discípulos não parecem ter a menor ideia do que está acontecendo. Acham-se confundidos, perguntam: "Senhor, por que me lavas os pés?"; "Senhor, onde vais?"; "Mostra-nos ao Pai e já nos basta". Segundo o Evangelho de São João, dizem uns aos outros: "Não sabemos o que queres dizer" (Jo 16,18). Do que está falando? O que está acontecendo aqui? O primeiro momento no dinamismo da Última Ceia é este: Jesus se aproxima até abraçar os discípulos ali onde estão e tal como são, com todas suas perguntas, suas confusões, e ainda sua traição.

Este é o primeiro momento em qualquer proclamação de nossa fé, seja no púlpito ou no lar. Ampliamos nossas mentes e nossos corações para acolher os outros em sua incompreensão do Evangelho, em seus questionamentos. Devemos nos atrever a entrar em suas mentes, ver através de seus olhos, escutar com seus ouvidos. Devemos ainda nos arriscar a deixar-nos invadir por suas dúvidas e sua rejeição; esta é uma aventura perigosa que ousamos empreender somente porque Jesus nos precedeu.

A pregação em uma profunda crise

Penso que nossa crise contemporânea da pregação é mais profunda que qualquer outra que a Igreja já enfrentou desde o século IV, quando o cristianismo se estabeleceu no Império Romano. Nossos contemporâneos veem que a linguagem da fé e a tradição é muito mais remota, mais incompreensível que para qualquer outra geração anterior no mundo ocidental. Há uma brecha muito grande entre a forma como pensamos e falamos espontaneamente e a linguagem da Igreja e de grande parte da pregação. Isso não se deve a modernidade ser algo ruim, encarna de distintos modos valores belos e profundos que têm suas raízes no cristianismo. Mas a Igreja não sempre os põe em prática: tolerância, honestidade, respeito à igualdade das mulheres e às minorias étnicas.

A Igreja é muitas vezes incompreensível por não ser capaz de viver o Evangelho. Também é verdade que grande parte da cultura moderna está baseada em uma mentalidade consumista que é profundamente contrária ao Evangelho. Sendo assim, o primeiro passo na direção de uma nova pregação começa cuidando do abismo entre a cultura de nosso tempo e a linguagem do Evangelho. Devemos deixar que as dúvidas e a incompreensão de nossos contemporâneos nos inquietem; quiçá tenhamos medo de permitir que aconteça porque somos homens e mulheres destes tempos, de modo que suas perguntas se encontram também provavelmente em algum rincão de nossos corações. Ante as dúvidas e o desconcerto, a tentação é ter uma resposta rápida e surrada. Temos talvez tanto medo de que o desconcerto de veras nos afete que nem sequer escutamos realmente, soltamos uma resposta defensiva com a rapidez com que John Wayne disparava sua arma. Se fazemos isso, não convenceremos a ninguém, porque se darão conta de que nem ao menos escutamos, verão claramente que temos medo.

Pois então, o primeiro passo na renovação de nossa pregação é atrevermo-nos a escutar. Devemos começar guardando o silêncio, ter ouvidos bem abertos, estar atentos às perplexidades e dúvidas. Temos de desarmar nossas defesas, renunciar a nossas respostas cômodas, nossas palavras surradas. Creio que a preparação de um sermão não começa enquanto não nos deparemos com nossa incompreensão do Evangelho, uma preparação de verdade começa quando nos perguntamos, como os discípulos, “O que quer nos dizer?”. Então é quando pedimos iluminação, quando dizemos a Deus: “Creio, mas ajuda minha incredulidade”. Deus pode, então, nos dar uma palavra que valha a pena pregar. Chega-nos como um presente.

Reunir em comunhão

A segunda fase no acontecimento da Última Ceia consiste em reunir em comunhão. Os discípulos que se encontravam ao redor da mesa não eram uma comunidade unida. Rivalizavam entre si, cada um se punha por primeiro, suspeitavam uns dos outros, se perguntavam qual deles iria trair seu Senhor. Jesus faz com que esse grupo fragmentado seja um só corpo: seu próprio corpo. A segunda etapa do anúncio é que nos reúne em comunhão mútua e derruba as defesas que erguemos.

Um dominicano francês que ia celebrar um funeral depois da Segunda Guerra Mundial advertiu que todos que haviam lutado na resistência estavam sentados de um lado da igreja e os que haviam colaborado do outro. O caixão se encontrava no meio. Negou-se começar a Eucaristia enquanto não cruzassem a linha que os dividia para abraçarem-se mutuamente. Os franciscanos e dominicanos foram agentes de paz, pregavam o que se conhece como a "Grande Devoção" de 1233. O momento culminante do sermão era amiúde o beijo ritual de paz entre inimigos. Justamente como pregadores ordenavam a liberação de prisioneiros, o perdão das dívidas e a reconciliação de inimigos. A palavra pregada reúne em comunhão, este é seu poder sacramental.

Na Última Ceia podemos ver que esse ato de reunir em comunhão se fundamental em dizer a verdade. Eu tenho que ser capaz de reconhecer a verdade do que sou e do que vivi, no que diz o pregador. Devo reconhecer igualmente a verdade do que outras pessoas estão vivendo. Na Última Ceia, Jesus diz aos discípulos a verdade. Um deles o entregará; os demais fugirão e se dispersarão; Ele vai sofrer e morrer; ressuscitará e o Espírito Santo será enviado. "Mas porque vos disse isso, a tristeza encheu vossos corações. No entanto eu vos digo a verdade" (Jo 16,6); "Santifica-os na verdade; tua palavra é a verdade" (Jo 17,17). Não há comunhão sem verdade. Na verdade é quando nos encontramos mutuamente cara a cara. A nova aliança nasce nesta nova comunicação da verdade.

Suspeito que a crise atual ao proclamar nossa fé na igreja ou em casa, ou onde seja é, em parte, uma crise de dizer a verdade, falar das coisas tais como são. Em palavras de Mary Catherine Hilkert, deve-se dar nome à graça e à des-graça que trabalham em nosso mundo. Nossas assembleias incluem jovens que brigam com seus hormônios e com o ensinamento da Igreja, casais que enfrentam a crise no amor, pessoas divorciadas, gente que enfrenta a aposentadoria, pessoas homossexuais que se sentem à margem da Igreja, pessoas enfermas e moribundas. Sua dor e sua felicidade encontram espaço em nossas palavras? Reconhecem a verdade de sua experiência no que dizemos?

Esta crise de dizer a verdade tem dois aspectos. O primeiro é que necessitamos a coragem de ser honestos. Penso que a crise dos abusos sexuais nos Estados Unidos demonstrou que há muito temor: temor de enfrentar estes assuntos; temor de perder nossa reputação; temor de ser mal-interpretados, etc. Sem embargo, sabemos que o temor pode minar a solidariedade e que o contrário do amor não é o ódio se não o temor.

Em segundo lugar, só seremos capazes de dizer a verdade que reúne em comunhão, se forjamos juntos a linguagem da fé. Quando prego um domingo, minhas palavras não devem vir unicamente da minha experiência, de homem branco de meia idade. Devem ser frutos de muitas conversas. Tenho que colher na sabedoria dos que são jovens e dos que são velhos, de homens e mulheres leigos, de outros grupos étnicos. Se minhas palavras são fruto tão somente de minha estreita experiência, como poderão oferecer um lar para todos? É claro, também, que temos de encontrar outras formas de pregação, seja dentro ou fora da igreja, nas quais se dê oportunidade a outras pessoas de falar diretamente de sua fé. Se nos escutarmos mutuamente, e reconhecermos as coisas como são, nossas palavras talvez sejam mais modestas. A tentação dos pregadores é fazer declarações pomposas e vagas que devem fazer nossos ouvintes rirem para si mesmos. Nossas palavras serão mais potentes se falarmos menos. Perguntaram a uma anciã esquimó por que as canções de sua tribo eram tão breves. Respondeu: “Porque sabemos muito”. Falamos em demasia porque escutamos muito pouco. Como escreveu Barbara Brown Taylor: “Em uma época de fome que se caracteriza por muitas palavras com excessivo barulho, poderíamos utilizar menos palavras, que contenham mais silêncio”.

Aspirar ao Reino

Jesus não só reuniu os discípulos em comunhão: os orientou mais além do pequeno grupo ali presente até a imensidão imaginável do Reino de Deus. A Última Ceia está marcada por um paradoxo. Por um lado, é o desfrute da comunidade de Jesus com os discípulos; ao mesmo tempo, é, de certo modo, o término desta vida em comum com Ele. Estão a ponto de perdê-lo como um deles. Quando se encontrarem com o Cristo Ressuscitado, Ele vai dispersá-los aos confins da terra. De modo que, na dinâmica da nova aliança, esta última ceia é um começo e um final. É uma comunhão e uma dispersão. É o clímax de sua amizade e aponta para além desta. É o momento de dizer a verdade e, simultaneamente, o momento em que a verdade não pode ser dita ainda: é uma consumação provisória.

Este paradoxo marca todas as eucaristias cristãs. Reunida em torno do altar, nossa comunidade é sinal do Reino. Somos amigos de Deus. Mas a mesma Eucaristia nos força a destruir os muros ao redor de nossa pequena comunidade e dar as boas-vindas aos que são excluídos. Cada Eucaristia é o sacramento de nosso lar no Senhor, mas derruba também o pequeno lar que construímos. Devemos destruir os muros que construímos para manter fora os estranhos. Este é o paradoxo inevitável de ser concomitantemente romanos e católicos; uma comunidade histórica particular e, ao mesmo tempo, o sacramento de uma comunidade que nos transcende e cresce até abraçar toda a humanidade. É uma tensão que vai marcar cada Eucaristia, até alcançar o Reino, quando os sacramentos cessarão e a Igreja não mais existirá.

Nossa pregação será poderosa, sacramental, se estiver marcada por esta mesma tensão. Vimos que o pregador constrói a comunidade, reúne quem se perdeu e se desviou. Por outra parte, desafia a assembleia por excluir os outros. É sacramento do Reino, mas o alcance universal do Reino por sua vez a desafia. O pregador nos convida a encontrar nossa identidade dentro da Igreja, mas subverte logo todas as identidades que conseguimos. Este foi o drama da pequena Igreja judia em seus primeiros anos. Acabava de nascer, quando teve prontamente que perder sua identidade, ao dar as boas vindas e acolher aos não judeus. Trezentos anos depois, a Igreja foi, enfim, aceita como romana de verdade, mas logo teve que perder essa identidade para acolher aos bárbaros. Este é o drama que vem se repetindo ao longo da história da Igreja. No momento em que conseguimos que a Igreja seja um lar confortável, temos o desafio de dar hospitalidade aos estranhos.

Este é um desafio que enfrentamos vivamente no momento atual do Ocidente. Nossa prosperidade se baseia na pobreza e na exclusão da maior parte da humanidade. Dois bilhões de seres humanos vivem com menos de um dólar ao dia, e estão sendo empobrecidos por nós. Atrevemo-nos a fazer frente à exclusão que estamos reforçando? Atrevemo-nos a transformar nossa forma de vida pelo bem dessa gente estranha? Na conferência Rio-92 disse o presidente George H. W. Bush: “O estilo de vida norte-americano não é negociável”. Contudo, temos que deixar nossa forma de vida, se não queremos continuar crucificando ao resto da humanidade.

Além das palavras

O pregador deve falar cheio da verdade. Mas há outros momentos em que aspiramos ao Reino, até "o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, tudo o que Deus preparou aos que o amam" (1 Cor 2,9). Aqui não há claridade possível. Ele prega o que está além de nossas palavras, chegou aos limites da linguagem. Aqui é onde a linguagem colapsa. O mistério derrota nossas palavras. Hebert McCabe escreveu: "Nossa linguagem não abrange o mistério: tende simplesmente ao mistério que encontramos em Cristo... O teólogo usa uma palavra forçando-a até o ponto de colapso, e justo quando colapsa consegue comunicar algo".

Isso é essencialmente um trabalho poético; por isso, os melhores pregadores sempre foram poetas. Os poetas vivem no limite do que podemos dizer, nas fronteiras da linguagem. O poeta tende a uma plenitude de sentido e comunhão que se acha além de meras declarações literais. Seamus Heaney, o maior poeta vivo de língua inglesa, diz que a poesia oferece "uma alternativa apenas vislumbrada", para além das contradições da experiência. Há outra razão para a crise da pregação hoje em dia. A imaginação poética é marginal em nossa cultura científica dominante. O que leva a uma literalidade mole. Em quase todas as sociedades tradicionais, poesia, mito, canto e música foram chave na cultura. Em nossa sociedade foram reduzidos frequentemente a simples entretenimento. A fome do transcendental ainda habita o coração humano. Como disse Santo Agostinho: "Nosso coração está inquieto até repousar em Deus". Mas em nossa sociedade resulta muito difícil ao pregador evocar o último destino humano que transcende nossas palavras. Poucos pregadores são poetas. Contudo, se a pregação da palavra florescer, necessitamos poetas e artistas, cantores e músicos que mantenham viva a intuição de nosso destino último. A Igreja necessita destes cantores do transcendente para nutrir sua vida e pregação.

Perguntei a muita gente qual foi o sermão mais poderoso do século XX e um número surpreendente imediatamente me disse que é o famoso discurso de Martin Luther King. "I had a dream" – tive um sonho. Este foi muito mais que um manifesto político; invocou uma visão escatológica de paz universal, deeste dia em que todos os filhos de Deus, homens negros e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, serão capazes de unir suas mãos e cantar as palavras de um antigo cântico espiritual negro: "Por fim livres! Por fim livres! Graças a Deus Todo-poderoso, finalmente livres!". Não foi um sermão, mas infundiu força a milhares de sermões. Quem hoje tem palavras que

desvelem o transcendente? Especialmente depois do 11 de setembro de 2001, em um mundo em perigo de se desintegrar precisamos de poetas, cantores do transcendente. Precisamos de artistas que possam nos conduzir à fronteira do que se consegue dizer. Suas palavras podem alimentar e avivar nossa pregação.

Conclusão

Há uma crise na pregação. Não se deve somente às pregações tediosas, que são ditas no ambão, dentro da Santa Missa. É algo mais profundo. Precisamos renovar inteiramente a linguagem com que falamos de nossa fé, seja na igreja ou fora dela.

Sugeri que a dinâmica da Última Ceia nos oferece o modelo básico de uma palavra poderosa. Se nossa pregação deve ser potente, é necessário que encarne a cadência desse acontecimento. Sugeri que havia três momentos neste dinamismo: Jesus se aproxima e acolhe os discípulos em sua perplexidade, os reúne em comunidade e aponta para além desse momento presente, para a plenitude do Reino. Há uma cadência nestes três momentos, como o ritmo da respiração. Acercamo-nos das pessoas, nos reunimos com elas e aspiramos ao Reino, como nossos pulmões expiram, inspiram, expiram e assim sucessivamente. A história da humanidade é como o respirar: os momentos vitais de nossa história são sempre como momentos dos pulmões da humanidade. No princípio, Deus enche os pulmões de Adão com um hálito de vida, Cristo solta seu último suspiro no clímax da salvação, e o Espírito Santo enfim é infundido em nós em Pentecostes. Nossa pregação será sacramental, eficaz, se refletir a cadência e o tempo de respiração da humanidade, reunir e dispersar, para nos dar vida e oxigenar nosso sangue.

Estes três momentos devem estar presentes em nosso anúncio. Não se trata de cada um deles estar presente cada vez que falamos de nossa fé; mas cada um tem que ocupar um lugar na pregação do Evangelho pela Igreja.

O primeiro momento, aproximar-se e acolher as pessoas em suas dúvidas e perguntas, coloca atualmente um desafio mais radical que em qualquer outra época da história do cristianismo ocidental, desde a conversão de Constantino. A linguagem de nossos contemporâneos e a linguagem da Igreja se distanciaram, se encontram longe uma da outra. Há um tipo de incompreensão mútua. É uma divisão que atravessa cada um de nós, visto que somos cristãos e somos homens e mulheres de hoje. Devemos nos expor a estas dúvidas e perguntas. Devemos deixar que minem um domínio acomodado da verdade. Temos que nos arriscar a ficar perplexos e a pedir a Deus que nos ilumine. Pregar começa por guardar silêncio.

Indiquei que, no segundo momento, Jesus reuniu em comunhão por dizer a verdade. Aqui enfrentamos uma classe diferente de desafio, que provem não só da sociedade mas também da Igreja. Temos muito medo de dizer as coisas tais como são. Há um clima de medo que põe travas a uma palavra verdadeira, na que todos, homens e mulheres, podem sentir-se em casa.

Por último, Jesus aponta para o Reino, para a imensidão imaginável de nosso último lar, em que todos serão um. Aqui enfrentamos um terceiro desafio. Falar do Reino leva-nos além do que pode ser dito literalmente; nos lança na poesia, na metáfora e na alusão. Temos aqui um desafio que provem sobretudo de nossa sociedade. Acontece que a literalidade científica atual não capta o poético. Precisamos de artistas, que nos ajudem a falar do que ultrapassa nossa compreensão.

Necessitamos também da ajuda de toda a comunidade, se queremos fazer frente a estes três desafios. Devemos dar-nos valor mutuamente para estar atentos às dúvidas e incompreensões que são inerentes ao encontro entre a modernidade e o Evangelho. Precisamos de artistas e poetas, se vamos pregar uma palavra que aluda para algo além do presente, até a plenitude do Reino.

Enfim, este acontecimento dramático que é a Última Ceia nos leva do silêncio da incompreensão ao silêncio do mistério, de um silêncio vazio a um silêncio pleno. Passamos do silêncio dos discípulos que não entendem nada ao silêncio de quem não pode achar palavras para descrever o que vislumbraram. O pregador vive dentro deste espaço, suplica por palavras. Isto é dom da graça de Deus, o que os primeiros dominicanos chamavam de gratia praedicationis, que nos leva de um silêncio que é pobreza a um silêncio que é plenitude.

Para salvar a ralé (Mc 10, 35-45)
Homilia do Domingo XXIX durante o ano (B)
Por Leon Pereira OP

A expressão grega οἱ πολλοί (hoi polloi), os muitos, suscitou uma disputa quando Bento XVI quis recuperar a tradução por muitos na fórmula de consagração do vinho na Missa. Pode traduzir-se também por todos, como havia admitido Paulo VI. Leon Pereira

indica outra tradução possível: em inglês riff-raff, rank-and,file, que em português seria: plebe, gentalha, turba, ralé, corja... como se quiser.

Temos a inclinação de nos definir pelo que fazemos e não pelo que somos. “O que você faz?”: não é só uma pergunta favorita da rainha, é um vício da linguagem coloquial. O que fazemos define, de certo modo, o que somos. Uma mulher que resgata pessoas é salva-vidas; alguém que rouba outro é ladrão. O que fazemos nos faz ser o que somos. Mas, ao mesmo tempo, o que somos prevalece sobre o que fazemos. Alguém que rouba é um ladrão, mas é mais que um ladrão, vale dizer; e, ainda depois de roubar, pode chegar a ser outro: se converter em ladrão perdoado, um que restitui o roubado.

Esta tentação de apreciar o que fazemos como o que somos aparece em nossa linguagem. Chegamos a usar a palavra “útil” como sinônimo de “bom”. Dizemos “Espero que te seja útil”, quando o que queremos dizer é “Espero que te faça bem”.

Dar excessiva ênfase a nossas ações nos leva a valorizar nosso trabalho. Muita gente está orgulhosa de ser gerente, supervisor, chefe, diretor. Até a palavra “diretor” perdeu quase inteiramente seu significado original devido a um excesso de uso eufemístico. Usa-se assim em excesso justamente porque o cargo e status social se confundem com nossa identidade e se supervalorizam.

Ninguém quer ser servente, auxiliar ou peão. Há um erro em pensar que trabalhos importantes nos tornam pessoas importantes. Não é assim. Tampouco carecer de importância faz de nós gente que não importa. É um erro crer que uma pessoa é alguém ou um ‘zé-ninguém’. Nos Evangelhos há uma confusão semelhante. Os chefes dos povoados, diz Jesus,dominam os outros e fazem com que sintam seu poder. O exercício do poder em função de seus próprios fins, ainda que sejam bons, é sempre nefasto. Pior ainda é a ambição de poder como fim em si. O desejo de ser um grande senhor é um desejo aberrante. Santa Catarina de Siena escreveu a um príncipe singularmente pomposo: “Vós desejais ter senhorio sobre os demais, mas não tendes sobre vós”. Não vem ao caso “guiar” a outras pessoas, quando alguém não é capaz de “guiar-se” prudentemente. As boas intenções tampouco podem justificar nosso autoritarismo. É mais, resulta ser corrupção andar, com boas intenções, mandando nas pessoas, porque faremos com que o bom pareça mal, e daremos a impressão de que o amor é algo odioso e digno de repúdio.

Jesus se apresenta a seus discípulos como modelo. O Filho do Homem "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". As palavras que usa aqui significam "pelos muitos", em grego, hoi polloi, é dizer, a plebe ou a gentalha ou a ralé (em inglês: riff-raff, rank-and-file), os debaixo da humanidade. Com feito, por "esses muitos" é que Jesus derrama seu precioso sangue, como diz a nova versão do cânon da missa.

Jesus, que morre pela ralé, nos adverte de não buscar o senhorio, nos recorda que ele – que é Nosso Senhor – veio para nos servir, nós que somos gentalha. Não nos diz para nos humilhar, mas para recordar o muito que nos ama. Apesar de ser o Senhor, ele compartilhou conosco nossa vida, como diz a segunda leitura: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa se compadecer de nossas debilidades, mas um em que tudo foi provado como nós, menos no pecado".

Nossa dignidade não deriva das coisas que fazemos ou podemos fazer. Tampouco somos reconhecidos por nossa qualidade de vida. Ao contrário, nossa dignidade e valor vêm do que somos, ou seja, seres humanos, criaturas racionais feitas à imagem de Deus; e por haver-mos sido recriados como filhos e filhas adotivos de Deus mediante a graça. Nosso senhorio de cristãos é o serviço aos demais, igual ao senhorio de Jesus, que veio nos salvar, a nós hoi polloi, a plebe.

Homilia da Festa de São Francisco de Assis
por Francisco Quijano OP

São Francisco é um santo sempre jovem, sempre novo. Todos os santos o são. Também muita gente cuja recordação levamos viva na memória. Mas se diria que Francisco de Assis conserva de maneira excepcional sua exuberância. Virão novas gerações e ele continuará atraindo-as, despertando nelas entusiasmo por seguir suas pegadas.

Por que a figura de São Francisco desperta tanta admiração e atrai tanta gente? Por que é um santo que não podemos esquecer? Quero comentar três coisas que avivam nossa devoção pelo santo de Assis.

Primeiro. São Paulo diz, na segunda leitura: "já não importa ser judeu ou pagão, mas importa ser nova criatura". São Paulo se referia aos judeus que presumiam pertencer ao povo de Deus e, por isso, desprezavam as pessoas de outras religiões; discriminavam qualquer que não fosse como eles.

Podemos entender isso em um sentido mais amplo: discriminação, rejeição, suspeita, desprezo de outras pessoas que não são como eu, ou que não formam parte do meu grupo, ou porque são de outra classe social. Todos temos a tendência a estabelecer separações, discriminações, barreiras.

Só uma criatura nova é capaz de abrir sua mente e seu coração às demais pessoas. Uma criatura nova, uma mulher nova ou um homem novo, tem só uma coisa para oferecer às demais pessoas: sua vida, seu amor, sua compreensão, sua solidariedade, seu apoio. Isto é o que vemos em São Francisco. Por isso dizemos que é o irmão universal, amigo de todas as pessoas, amigo da criação inteira, como vemos em seu Cântico das criaturas. Canta também à irmã morte. Não se assusta com ela porque sabe que é o caminho pelo qual se chega a ser mais irmão e amigo das demais pessoas. Francisco, sempre jovem, criatura nova, nos convida a todos a ser nova criatura.

Segundo. Onde ou como Francisco encontrou essa sabedoria para ser irmão e amigo de todo o mundo, até das pessoas mais desprezíveis segundo os critérios humanos de seu tempo e do nosso, os leprosos, por exemplo?

O Salmo 15, que se recitou depois da primeira leitura, tem um tom e umas expressões para expressar a espiritualidade de Francisco de Assis. "Eu digo ao Senhor: 'Tu és meu bem'. O Senhor é parte de minha herança e minha taça".

Este salmo ressoa como essas palavras de São Francisco tão conhecidas: *"Deus meus et omnia* – Meu Deus e meu tudo". Francisco se despojou de tudo, literalmente: não somente deixou a herança, os costumes, a prosperidade de um comerciante, como era seu pai, deixou até mesmo suas próprias roupas. Não o fez por ânsia de sacrifício (certo, São Francisco foi muito sacrificado) mas porque havia descoberto um tesouro imenso: a humanidade dos pobres, dos enfermos, do leproso que encontrou em seu caminho; havia encontrado também na prisão e na doença o tesouro de sua própria humanidade.

Efetivamente, todos nascemos nus e nus voltaremos ao seio da terra. Vivemos em uma sociedade na que todo mundo se envaidece de suas conquistas, e se esforça para possuir mais bens ou mais prestígio. Defendemos nossos triunfos, o que nos orgulha, mesmo o bem que temos. Tudo isso são justamente critérios e barreiras que nos servem

para discriminar as demais pessoas. Estas coisas são as que nos levam a nos comparar e competir com as demais pessoas para ver quem pode mais ou quem tem mais.

São Francisco deixou tudo como o comerciante da parábola, que encontrou uma pérola fina e vendeu todo o resto para ficar com ela. A pérola fina que São Francisco encontrou é a humanidade que todas as pessoas receberam de Deus, o primeiro dom de todos que é nossa vida. Ali pôs São Francisco todo seu afeto e seu carinho.

Por mais que nos esforcemos em alcançar muitas coisas ou em defender o que conquistamos, nossa personalidade ou nossos bens, o único que conta definitivamente é o que cada um é diante de Deus. "Meu Deus e meu tudo". Deus é a fonte deste imenso dom. Francisco nos convida a acolher e cultivar nossa vida e a vida das demais pessoas.

Enfim, São Paulo, diz que ele somente se gloriava na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim também diria São Francisco. Por quê?

Se ele se despojou de tudo para tornar-se irmão e amigo de todo mundo foi porque Jesus é a fonte desta vida radical de despojamento para acolher o amor de Deus. Jesus veio ao mundo do seio de sua mãe Maria sem nada, fora de seu próprio lar, em Belém. E Jesus morreu despojado de tudo na Cruz. Nele se cumpre o que Jó dizia: "Nu saí do seio de minha mãe e nu voltarei ao seio da terra".

Jesus se despojou de tudo para acomodar nele e em todas as suas ações e palavras ao amor de Deus. Esse é o segredo do Reino, revelado à gente simples e escondido dos sábios e entendidos, pelo qual dá graças ao Pai celeste.

Este é o segredo que só conhece o Filho e aqueles a quem o Filho quiser revelá-lo. Francisco foi um desses a quem Deus revela seus segredos. Esta é uma nota muito destacada de sua vida: sua identificação com Jesus, ao ponto de levar em seu corpo as chagas do Crucificado, crucificado por amar a humanidade inteira, até mesmo aqueles que o rejeitam. Jesus é irmão e amigo da humanidade inteira. Francisco também o é, seguindo as pegadas de Jesus. Ambos são porque seu tesouro foi amar a humanidade e a criação inteira. São Francisco nos convida a acolher em nossas vidas o segredo do amor.

Copyright© Ordem dos Pregadores - Frades Dominicanos. Todos os direitos autorias e outros direitos de propriedade intelectual estão reservados aos Frades Dominicanos. Permite-se a reprodução desta publicação, citando a fonte *(http://www.dominicanos.org.br)* porém, sem nenhuma alteração do conteúdo e sem comercialização do mesmo.